PEREIRA, Henrique Manuel, *Guerra Junqueiro – Fragmentos de unidade polifónica*. Porto: Edições Cosmorama, 2015, 533 p.

Saiu recentemente a lume este amplo volume do autor que, em Portugal, nos últimos anos, mais profundamente tem revisitado a obra deste ícone da nossa poesia e cultura dessa época notável e fervilhante que foi a transição dos séculos XIX e XX.

É uma obra rica e híbrida. Não é só uma biografia, nem é propriamente uma descrição crítica da obra e ideografia de Junqueiro. Mas é ambas e de modo exaustivo nas referências, criativo na forma e abordagem e aqui e além inovador na hermenêutica, logo na imagem que nos transmite da obra do poeta e pensador.

Não deixamos de seguir o *fio evolutivo* da obra junqueiriana, mas não de modo linear e genealógico. Antes por *janelas que sucessivamente se vão abrindo,* que mais não são do que o diálogo, os conflitos, as diatribes que teve com os seus pares, ao longo do tempo, ele, que tantas paixões, mas também tantos ódios suscitou. O Junqueiro que Henrique Manuel nos transmite é o Junqueiro refletido ou difratado em todos aqueles que de modo significativo cruzaram o seu caminho de criação poética e noética.

E daqui resulta tão-só o sabor de ler uma obra que nos transporta para a *vida cultural* que germinou em torno de Junqueiro ou que ele fez germinar.

Daí o seu subtítulo: *Fragmentos de unidade polifónica*, onde *fragmentos* não deve ser lido como unidade hermenêutica menor, mas, pelo contrário, como *centelha, abertura (de sentido),unidades móveis que se intercruzam* acabando por constituir ou delinear essa *unidade polifónica* que foi a vida e a obra de Junqueiro. Qual *cometa* ou *meteoro* que precisamente emite *centelhas* à sua passagem.

Mas sejamos mais objetivos.

Nesta obra de Henrique Manuel, entre outros, são abordados os seguintes temas e autores que se cruzam com o pensamento e obra de Guerra Junqueiro: as críticas e questões literárias com Gomes Leal, Moniz Barreto, Ramalho Ortigão, Camilo Castelo Branco e mais tarde os *seareiros* António Sérgio e Raul Proença; a relação tensa com Unamuno, mas mais cúmplice e convergente com Teixeira de Pascoaes no âmbito do saudosismo e de *A Águia;* finalmente Fernando Pessoa que, tão longe dele do ponto de vista estético, o considerava todavia *"o maior de todos os poetas portugueses",* e *"A Oração à Luz", "entre os maiores poemas de todos os tempos"* (cit. p. 38/39).

Mais rica em detalhes historiográficos é descrita a relação entre Junqueiro e, por um lado, o crítico António Sérgio, por outro, António Sardinha. E isto porque aqui se julga a questão da imagem pública, o perfil ideográfico e até político, daquele que viria a ter honras de estado no tempo do seu passamento, e aclamado, pelo povo e pelos altos representantes políticos, como *"o poeta da Nação".* O que este título contém de elevação mas também equivocidade é bem dilucidado pelo nosso autor sempre com rigor e detalhadas descrições históricas, explicitando sempre muito bem essa duplicidade de alguém que, tendo sido quase *crucificado publicamente* no célebre *caso Junqueiro,* acabou os seus dias no Olimpo dos poetas e mais ilustres cidadãos.

Seguidamente somos conduzidos ao legado e posteridade de Junqueiro que António Cândido Franco, referido pelo autor, designa como *"uma das voltas mais*

labirínticas que têm existido na literatura portuguesa", o que só foi possível porque Junqueiro, com o seu carisma e poderosa irradiação, reconheceu António Sérgio, se transformou num autêntico *mito cultural.*

E agora os autores convocados a *testemunhar* são-nos mais próximos: João Gaspar Simões, Adolfo Casais Monteiro, José Régio, Amorim de Carvalho, entre outros.

A *questão religiosa* e o *militante anticlericalismo* de Junqueiro seriam incontornáveis. E é descrita profusamente e comentada a polémica com Moreira das Neves e o padre Sena Freitas.

E o autor não se escusa de enfrentar este mesmo tema, que ainda não estará totalmente esgotado e dilucidado, no entanto, sem cair na linearidade interpretativa, ou no simplismo historicista que fazem dele um tema estafado e sem lição a transmitir: *"Mas a paisagem junqueiriana, já de si complexa, parece compor-se, como as regiões montanhosas que o viram nascer, de materiais diversos acumulados desordenada e contraditoriamente. Disso é acusado. Sendo muitas e de vária ordem as razões que o explicam, diríamos que muito poucas justificam o assaque dum agir sob o signo da contradição"* (p. 242).

Conduzidos por uma escrita de inegável qualidade, revisitamos, através do exemplo de Junqueiro, a questão tão candente nessa época, mas afinal tão universal e atemporal, das relações entre ortodoxia e heterodoxia. A objetividade histórica e a finura interpretativa de Henrique Manuel ajudam-nos a repensá-lo, talvez mesmo a transportá-lo para os nossos dias de modo livre e luminoso.

Outro tema incontornável é o intitulado pelo autor: *"Da arte à estética ou da teologia como estética"* (p. 429 ss.).

Talvez aqui mais que em qualquer outro lugar do texto, o autor se desprende da casuística histórica, do detalho biográfico. E elevamo-nos com Junqueiro aos transcendentais, *bonum, verum, pulchrum,* vizinhança de um Deus que reclamado por tantos de modo tão diverso e conflituoso é, afinal, o mesmo que abençoa e inspira toda a humanidade tal como o poeta sugere em *Oração ao Pão: "A humanidade é seara imensa em chão de areia,/ Que Deus recolhe e Deus semeia./ E cada homem, quer o rei, quer o mendigo,/ É na seara de deus um grão de trigo./ (…) Homem! Pela Beleza sacrossanta/ Adora e canta!/ Pela Beleza, música de Deus, Une-te a Deus!/ Pela beleza ideal, ideal eucaristia,/ faz do universo Espírito e Harmonia!/ Beleza, Amor, Verdade,/ Eis a Trindade,/ Eis o teu Deus"* (cit. p. 429/430).

É nessa região universal de verdade e beleza, que Junqueiro divisa idealmente a reunião, a reconciliação, talvez mesmo até o recíproco perdão com todos, e foram inúmeros, os que o amaram e odiaram, os que o aclamaram e o desprezaram.

Foi quase um lugar-comum, entre os autores românticos, eleger a arte como uma espécie de *último reduto do divino,* altar remanescente, numa época em que todos os altares eram desacreditados e postos em causa.

O título atribuído pelo autor para se aproximar desta questão, *Da arte à estética ou da teologia como estética*, dá-nos bem conta de como em Junqueiro afinal tudo permanece em aberto, numa reversibilidade, sinal de liberdade não só no domínio da criação poética e espiritual, mas também naquilo que preenche os nossos dias: o mendicante trato humano para que, juntos, logremos entendermo-nos.

Numa visão de conjunto e retrospetiva, o autor consegue devolver-nos um Guerra Junqueiro, qual centro de uma placa giratória por onde passa praticamente toda a

literatura e cultura portuguesas com expressão e significado nas duas últimas décadas de oitocentos e primeiras do século XX, o que alarga o âmbito desta obra para além das biografias ou monografias, colocando-a num registo de história da cultura portuguesa deste período.

Resta acrescentar que uma ampla e criteriosa bibliografia enriquece ainda este volume, que passa a ser um marco incontornável para os estudiosos de Guerra Junqueiro e do seu tempo.

José Acácio Castro